



# GENIUS LOCI LUGARES E SIGNIFICADOS PLACES AND MEANINGS

VOLUME 2

COORD.  
LÚCIA ROSAS  
ANA CRISTINA SOUSA  
HUGO BARREIRA



CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



GENIUS LOCI  
LUGARES E SIGNIFICADOS  
PLACES AND MEANINGS

COORD.  
LÚCIA ROSAS  
ANA CRISTINA SOUSA  
HUGO BARREIRA

VOLUME 2

Título: *Genius Loci: lugares e significados | places and meanings – volume 2*

Coordenação: Lúcia Rosas; Ana Cristina Sousa; Hugo Barreira

Fotografia da capa: *Figura antropomórfica oculada* – Regato das Bouças, Serra de Passos, St.ª Comba, Portugal.  
Adaptado por Marzia Bruno e Fuselog.

Design gráfico: Helena Lobo | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-843-5

Depósito Legal: 434992/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Porto

Dezembro 2017

Os textos e as imagens utilizadas são da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

# SUMÁRIO

## ARQUITETURAS MILITARES

<b>Apresentação</b>	11
<b>Foreword</b>	13
<b>Apuntes sobre los Procesos constructivos de fortificación en el territorio de la Corona de Castilla</b> Manuel Retuerce Velasco; Fernando Cobos Guerra	15
<b>Castros o castillos: problemas metodológicos y de identificación de fortificaciones medievales en Galicia</b> David Fernández Abella	51
<b>Seguindo os passos do exército romano: uma proposta metodológica para a deteção de assentamentos militares romanos no Noroeste Peninsular</b> Andrés Menéndez Blanco; David González Álvarez; José Manuel Costa-García; João Fonte; Manuel Gago; Valentín Álvarez Martínez	67
<b><i>Castra Oresbi</i>: um assentamento militar romano na Serra do Marão?</b> João Fonte; Maria João Correia Santos; José Manuel Costa-García; Catarina Isabel Sousa Gaspar; Hugo Pires	81
<b>La fortificación de las ciudades vasconas en la tardoantigüedad. Algunas reflexiones</b> Ángel Antonio Jordán Lorenzo; Iosu Barragán Cidriain	95
<b>Elementi difensivi lungo il confine nord della diocesi di Porto fra IX e XII secolo: primi risultati</b> Andrea Mariani	107
<b>Toponímia e arquitectura das ordens militares em Portugal: a memória do Oriente Latino</b> Nuno Villamariz Oliveira	121
<b>O castelo de Outeiro na fronteira bragançana</b> Ana Maria da Costa Oliveira	133
<b>Nem só com castelo se defendeu a fronteira: Atalaias e Povoados fortificados na margem esquerda do Médio Côa</b> Tiago Pinheiro Ramos	145
<b>“Aqui Nasceu Portugal” – Da sublimação do Castelo de São Mamede em Guimarães à sua conversão em arquétipo cultural do Castelo Português</b> Joaquim Manuel Rodrigues dos Santos	159
<b>O cubo artilheiro da barbacã do castelo de Freixo de Espada à Cinta no contexto da arquitetura de transição da raia transmontana em finais do século XV</b> João Nisa; Tânia Falcão	171

<b>O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas – Contributo para uma análise comparativa dos Manuscritos de Lisboa e de Madrid</b>	<b>183</b>
Mário Jorge Barroca	
<b>Transformations of Riga's Fortification System in the 17th Century as a local Manifestation of well-ordered Fortress</b>	<b>207</b>
Anna Ancane	
<b>Das fortificações portuguesas em Mascate: análise morfológica e territorial</b>	<b>219</b>
Ana Catarina Gonçalves Lopes; Jorge Manuel Simão Alves Correia	
<b>Fortificações da Foz do Tejo</b>	<b>231</b>
Cristina Coimbra Próspero	
<b>Os manuais de castrametação, a aprendizagem do desenho urbano e um tratado manuscrito de Luís Serrão Pimentel</b>	<b>243</b>
Margarida Tavares da Conceição	
<b>MUNDOS DE TRANSIÇÃO</b>	
<b>Apresentação</b>	<b>257</b>
<b>Foreword</b>	<b>259</b>
<b>Concepções mentais e práticas funerárias dos séculos V a VIII: entre a perpetuação de arquétipos e a abertura a novos influxos</b>	<b>261</b>
Andreia Arezes	
<b>As sepulturas escavadas na rocha e as leituras possíveis de um território a sul do Douro</b>	<b>275</b>
César Guedes	
<b>A devoção às almas em Portugal. Perspectiva antropológica e histórica</b>	<b>289</b>
Maria Inês Afonso Lopes	
<b>Romane VS Romanesque. A invenção de uma nomenclatura</b>	<b>303</b>
Maria Leonor Botelho	
<b>Cerâmica romana importada na Foz do Douro: uma escavação arqueológica no Castelo de Gaia (V. N. Gaia, norte de Portugal)</b>	<b>315</b>
António Manuel S. P. Silva; Rui Morais; María Rosa Pina-Burón; Roger Prieto de la Torre	
<b>A topografia histórica de Mértola na Antiguidade Tardia</b>	<b>333</b>
Virgílio Lopes	
<b>A arquitetura no «largo tempo do manuelino». Síntese pragmática e eficiente</b>	<b>347</b>
Tiago Filipe Trindade Cruz	
<b>PROGREDIOR: o Palácio de Cristal Portuense</b>	<b>359</b>
Vera Gonçalves	

Na Transição entre os Séculos XX e XXI – Interseções e Sobreposições entre Educação e Criatividade nos Museus	371
Inês Ferreira; Alice Semedo; Elisa Noronha Nascimento	
Monte Branco da Foz do Carvalho (São Marcos da Serra, Silves): 5 milénios de evolução histórica até à submersão na Barragem de Odelouca	385
Susana Rodrigues Cosme	
<b>VERNACULAR: EXPRESSÕES E REPRESENTAÇÕES</b>	
<b>Apresentação</b>	<b>401</b>
<b>Foreword</b>	<b>403</b>
As expressões de arquitectura vernacular em contexto de Avaliação de Impacte Ambiental	405
Gertrudes Branco	
Dimensão Ética nos Objetivos do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa	419
Francisco Manuel Portugal e Gomes	
A casa nobre no concelho de Ponte de Lima. Análise dos frontispícios: vivências e estratégias de afirmação	433
Maria Amélia da Silva Paiva	
O aro rural de Arrifana de Sousa/Penafiel na época moderna: as <i>casas de lavoura</i> segundo a documentação coeva	443
Maria Helena Parrão Bernardo	
A casa rural em Penafiel, entre meio de produção agrícola e espaço ritualizado	459
Ana Dolores Leal Anileiro	
O território, a história e o Espírito do Lugar: a arquitetura de Mértola no Sul de Portugal	471
Ana Costa Rosado; Miguel Reimão Costa; Virgílio Lopes; Maria de Fátima Palma; Cláudio Torres; Susana Gómez Martínez	
Espaço e tempo: a cortiça na arquitetura tradicional portuguesa	485
Rui Fontes Ferreira	
Uma aproximação preliminar ao estudo da arquitetura tradicional do Atlas em Marrocos	495
Desidério Batista; Miguel Reimão Costa	
<i>Corpus loci</i> e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo	507
João Soares; António Coxito; Luís Ferro	
Cultural identity and shared memory: a comparison of Superkilen and Piazza d'Italia as case-studies of contemporary "Place"-making	519
Eric Firley; Julie Gimbal	
Tracing the Rural in Exhibition Spaces of İzmir, Turkey: Tire, Ödemiş and Bergama Museums	531
Tonguç Akış	

**VIAS, PAISAGEM E TERRITÓRIO**

<b>Abertura</b>	545
<b>Foreword</b>	547
<b>Os caminhos de perto e de longe</b> Laura Castro	549
<b>La construcción visual del paisaje. Iconografía urbana, memoria e identidad territorial</b> Carla Fernández Martínez	561
<b>De território a paisagem: o que é “paisagem”?</b> Natália Fauvrelle; Alice Lucas Semedo	575
<b>O papel dos edifícios icónicos na conformação da cidade contemporânea – análise arquetípica de proeminentes equipamentos públicos de Curitiba</b> André Luís Cordeiro da Costa	587
<b>Os <i>caminhos</i> da construção do território dos Açores nos séculos XV e XVI</b> Antonieta Reis Leite	599
<b>Remeiros do São Francisco: expansão, comércio e costumes nos caminhos do rio</b> Jackelina Pinheiro Meira Kern	611
<b>Water on Roads in Jacob van Ruisdael’s Landscape Painting</b> Juliane Rückert	621
<b>De chafariz a arca de Mijavelhas. <i>Firmitas, utilitas et venustas</i> numa intervenção na berma de um caminho à distância a cavalo da cidade</b> Iva João da Silva Teles Morais Botelho; Luís Filipe Coutinho Gomes	631
<b>O sítio romano da Malafaia, um casal agrícola no vale de Arouca (Norte de Portugal)</b> António Manuel S. P. Silva; Paulo A. P. Lemos; Manuela C. S. Ribeiro	645
<b>La viabilità antica nella zona dei laghi della Lombardia occidentale. Implicazioni strategiche nel periodo tardo romano</b> Andrea Mariani; Marco Brivio	659

# AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA E AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UM TERRITÓRIO A SUL DO DOURO

CÉSAR GUEDES\*

**Resumo:** Partindo da análise dos sepulcros escavados na rocha e da sua localização procura-se enquadrar estes monumentos funerários num contexto de dinâmica de ocupação do território, relacionando a sua implantação com os elementos estruturadores da paisagem: vestígios de *habitats*, vias, templos e estruturas militares. Pretende-se contextualizar as sepulturas enquadrando-as historicamente num período conturbado de profundas alterações, sentidas tanto na reorganização territorial como no quadro mental das populações. Estas modificações ao *modus vivendi* das populações assumem particular relevo entre os séculos VIII e XI, durante o processo da Reconquista Cristã, e culminarão numa nova forma de organizar a sociedade: as *Terras*.

**Palavras-chave:** Sepulturas escavadas na rocha; Necrópoles; Povoamento; Alta Idade Média.

**Abstract:** In this paper we study the existing rock-cut graves in the south area of the Douro river. These early medieval graves are framed in a context of dynamic occupation and exploitation of the territory. Their landscape positioning is related and compared to the known archaeological sites of habitat, the religious buildings and the military structures. These funerary monuments are the result of a troubled period where the profound changes that occurred can be observed in both the territorial reorganization as in the people's mindset. These modifications in the population's *modus vivendi* are particularly intensive between the 8 and 11th centuries, during the *Reconquista*, which culminate in a new way of organizing society: the *Terras*.

**Keywords:** Rock-cut graves; Necropolis; Settlement; Early Middle Age.

---

\* Arqueólogo, CITCEM. cesarlguedes@gmail.com.

## 1. APRESENTAÇÃO

Entre as diferentes formas de sepultar utilizadas no decorrer da Idade Média, as sepulturas escavadas na rocha contam-se entre as mais enigmáticas. Estes monumentos de configuração antropomórfica ou geométrica encontram-se entre os vestígios arqueológicos funerários mais visíveis e abundantes em Portugal.

A discussão em torno da sua cronologia e tipologia continua a dividir investigadores. As mais recentes investigações baseadas em datações radiocarbónicas sobre vestígios osteológicos apontam para uma diacronia de utilização destes monumentos que se estende entre os séculos VII e XI<sup>1</sup>.

Os estudos realizados nos últimos anos têm procurado dar um maior relevo à análise da paisagem onde estes monumentos se inserem procurando encontrar padrões de assentamento e extrapolar modelos de povoamento. Mais recentemente, uma nova linha de investigação tem procurado associar os rituais de enterramento com “procesos de formación y desarrollo de una memoria social relacionada con la construcción de identidades de diverso cuño” e propõe um modelo de análise das sepulturas escavadas na rocha e a sua relação com o território e o povoamento tendo como base a construção de uma tipologia dos espaços funerários<sup>2</sup>.



Fig. 1.  
Panorâmica sobre  
o vale do Douro e  
alguns pormenores  
de sepulturas.

A discussão em torno das diferentes tipologias de sepulturas e da sua cronologia continua ainda a dividir os investigadores, sendo necessárias mais escavações arqueológicas e mais datações radiocarbónicas para que se possa confirmar, ou

<sup>1</sup> MARTIN VISO, 2014: 107.

<sup>2</sup> MARTIN VISO, 2012: 166; 170-173.

negar, a existência de padrões evolutivos tipológicos e condicionalismos regionais específicos na integração e utilização destes monumentos.

Os dados e as leituras que seguidamente se apresentam são um pequeno contributo para a discussão em torno destes monumentos e resultam da dissertação “A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum”<sup>3</sup>.

## 2. AS SEPULTURAS E A SUA IMPLANTAÇÃO

A complexa zona de montanha que se estende na margem sul do rio Douro e engloba os concelhos de Tabuaço, Armamar, Tarouca, Lamego e Resende apresenta um conjunto de 26 estações arqueológicas com 88 sepulturas escavadas na rocha.

A análise da implantação cartográfica das estações permite constatar que as sepulturas se relacionam sobretudo com as bacias hidrográficas dos rios Távora, Tedo, Varosa, Balsemão e Cabrum, implantando-se nas proximidades de linhas de água e distribuindo-se pela região com algumas lacunas. A zona correspondente ao complexo Xisto-Grauváquico, que em grande parte é coincidente com a região demarcada do Douro, apresenta apenas uma sepultura escavada na rocha. Esta ausência de sepulcros relacionar-se-á com os arroteamentos e a construção dos socalcos para o plantio da vinha, que terão destruído ou ocultado os monumentos.

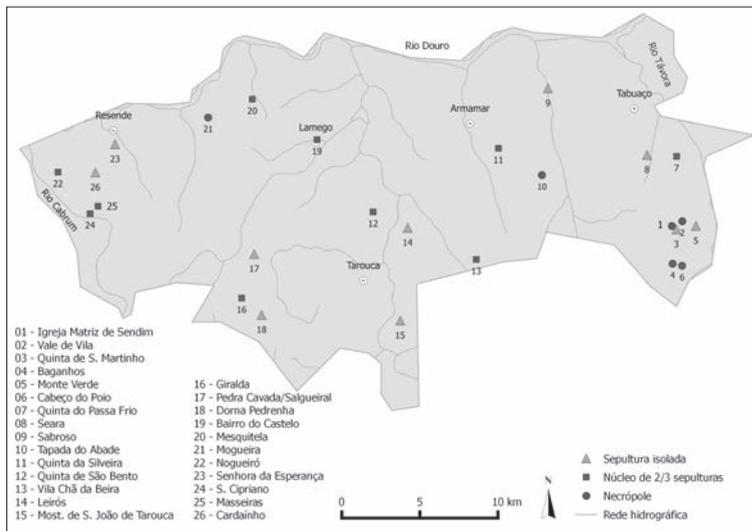


Fig. 2.  
Mapa com a  
localização dos  
núcleos funerários  
identificados.

<sup>3</sup> GUEDES, 2015:11.

De igual modo, a transformação da paisagem para plantio de pomares nas zonas de Tarouca e Armamar poderá também ser uma das causas para o reduzido número de estações identificadas nesta região.

As áreas montanhosas, onde o relevo e as altitudes próximas ou superiores aos 1000 metros terão condicionado a fixação das populações, apresentam também um reduzido número de sepulturas. A grande maioria das estações implanta-se a cotas que variam entre os 400 e os 800m.

O conjunto sepulcral de configuração não antropomórfica é composto por 49 monumentos, correspondendo a 56% do total de exemplares. Os túmulos antropomórficos são menos numerosos, representando 28% do conjunto e contando apenas com 25 exemplares. As sepulturas de configuração indeterminada totalizam 14 monumentos.

A maioria dos túmulos foi criada para acolher indivíduos adultos variando as suas dimensões entre o 1,70 e 2m de comprimento e entre 0,40 e 0,70m de largura. As sepulturas infantis são apenas 5 e as suas dimensões variam entre os 0,60m e os 1,14m de comprimento e 0,26 e os 0,34m de largura.

As sepulturas não antropomórficas encontram-se presentes em 17 estações sendo as de planta retangular as mais comuns, com 23 sepulturas, logo seguidas pelas de tipologia ovalada, com 13 monumentos e por fim as de configuração trapezoidal com apenas 8 exemplares.

Os túmulos antropomórficos são representados por 25 exemplares distribuídos por 11 estações. Apresentam maioritariamente planta trapezoidal e as principais diferenças entre estes sepulcros concentram-se sobretudo na zona da cabeceira, onde a solução mais frequente é a que utiliza o arco ultrapassado, logo seguida das cabeceiras retangulares e trapezoidais.

No que concerne à orientação dos monumentos observa-se que a maioria apresenta uma orientação canónica, ou seja, alinhada de oeste para leste, com 40 exemplares; que 29 monumentos apresentam outras orientações e que em 19 sepulcros não foi possível determinar o seu alinhamento.

### 3. OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS

Entre as diferentes propostas metodológicas para interpretar a organização do espaço funerário optou-se por agrupar as estações em três tipologias distintas: as que eram compostas exclusivamente por sepulturas isoladas, as de pequenos núcleos de 2 ou 3 sepulcros e os grupos constituídos por mais de três monumentos.

Os dados recolhidos revelaram que as sepulturas se organizam em 6 necrópoles, 10 grupos de 2 ou 3 sepulturas e que 10 das sepulturas identificadas se encontram isoladas.

As sepulturas escavadas na rocha que se implantam isoladamente distribuem-se por 10 locais. São compostas por 5 monumentos de configuração não antropomórfica, 3 sepulturas antropomórficas e 2 sepulturas indeterminadas.

Os núcleos de 2 ou 3 sepulturas integram 10 estações arqueológicas compostas por 22 monumentos. Os grupos de 2 sepulturas são em maior número e distribuem-se por 8 locais. Apenas se observam associações de 3 sepulcros em duas estações: na Quinta de Passa Frio (Est. n.º 7) e na Quinta da Silveira (Est. n.º 11). A maioria dos sepulcros apresenta configuração não antropomórfica distribuindo-se por 8 estações arqueológicas e contando com 14 exemplares. Os sepulcros de planta antropomórfica são 5 e distribuem-se por 5 estações. As sepulturas indeterminadas localizam-se na Quinta da Silveira (Est. n.º 11), na Quinta de S. Bento (Est. n.º 12) e no Bairro do Castelo, em Lamego (Est. n.º 19).

A coexistência de sepulturas de configuração antropomórfica com monumentos de planta geométrica só se observa em 3 locais: na Quinta da Silveira (Est. n.º 11), núcleo com três sepulturas; em Nogueiró (Est. n.º 22), núcleo de 2 sepulcros, e em Masseuras (Est. n.º 25), núcleo também de duas sepulturas.

As necrópoles são 6, um total de 23% das estações identificadas e são constituídas por 56 sepulturas, perfazendo 64% do total de monumentos.

A necrópole existente junto da igreja matriz de Sendim é a mais numerosa com 21 sepulcros de configuração antropomórfica (Est. n.º 1), seguindo-se as necrópoles da Tapada do Abade (Est. n.º 10), composta por 8 sepulturas de planta geométrica e 1 antropomórfica, e a da Mogueira (Est. n.º 21), constituída por 9 sepulturas de planta não antropomórfica. A necrópole de Vale de Vila é composta por 8 sepulcros não antropomórficos (Est. n.º 2) e a de Baganhos é composta por cinco monumentos sem evidências de antropomorfismo (Est. n.º 4). A necrópole de Cabeço do Poio (Est. n.º 6) seria constituída por 4 sepulturas de configuração antropomórfica<sup>4</sup>.

A distribuição das diferentes tipologias de espaço funerário pelo território não é homogênea, sobretudo no que concerne às necrópoles, que se concentram no limite sudeste da área de estudo, no vale do rio Távora, junto de Sendim. Os núcleos de 2 ou 3 sepulturas existem por toda a região, com exceção para as encostas voltadas ao Douro, na zona nordeste, onde não existe nenhum exemplar. As sepulturas isoladas distribuem-se pelas franjas da área de estudo, ocupando zonas de relevo muito acidentado no limite oeste do território, coincidente com a serra das Meadas e a de Santa Helena, e em áreas mais planas nas zonas de Tarouca e Tabuaço e em torno de Sendim.

---

<sup>4</sup> CORREIA, 2007: 61.

A análise da organização do espaço funerário nesta região permitiu aferir que as estações constituídas pelos núcleos de monumentos isolados e de 2/3 sepulturas são as mais numerosas e correspondem a 77% do total de estações, seguindo em linha com que se pode observar para as outras regiões de Portugal<sup>5</sup>. Este fenómeno é transversal a toda a Europa Ocidental, podendo até afirmar-se que constitui o tipo de espaço funerário predominante a partir dos séculos VII-VIII<sup>6</sup>.

#### 4. OS MONUMENTOS E A SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM

As manifestações funerárias constituem uma importante fonte de informações que podem permitir antever não só os pressupostos mentais subjacentes às populações que as produziram, mas também inferir evidências da sua organização social e administrativa. Neste sentido procurou-se articular os núcleos de sepulturas com os elementos estruturadores e polarizadores do povoamento: as áreas residenciais, os locais de culto e os centros de poder, *civitates* ou outros locais centrais fortificados.

A identificação das áreas de residência das populações que criaram e utilizaram as sepulturas levanta algumas dificuldades. Apesar de frequentemente se observarem vestígios arqueológicos de superfície nas imediações destes espaços sepulcrais, as dificuldades sentidas na atribuição de uma funcionalidade habitacional, ou na definição de um âmbito cronológico mais restrito para estes elementos, são inúmeras. De facto, as leituras provenientes da análise de materiais cerâmicos de superfície, sobretudo da existência de fragmentos de *tegulae*, devem ser encaradas com muita cautela pois, como refere Mário Barroca, a produção de telha plana terá sobrevivido no Entre Douro e Minho até ao século XI<sup>7</sup>. Para além disso, a existência de materiais de cronologia inequivocamente romana nas proximidades de sepulcros rupestres não invalida a existência de uma ocupação alto-medieval naquele local. Muito pelo contrário, apenas a reforça, uma vez que se anteriormente o sítio era favorável ao assentamento de comunidades e à exploração agropecuária, também o seria em época alto-medieval, não se devendo excluir a possibilidade de se observarem reaproveitamentos de materiais cerâmicos ou líticos<sup>8</sup>.

A relação entre sepulturas escavadas na rocha e vestígios de elementos de *habitat* encontra-se presente em 17 locais, sendo de destacar o caso de Sendim onde se concentram 4 das 6 necrópoles identificadas. Este conjunto de 40 monumentos

<sup>5</sup> GUEDES, 2015: 40.

<sup>6</sup> MARTIN VISO, 2014: 104.

<sup>7</sup> BARROCA, 1987: 59.

<sup>8</sup> ALARCÃO, 1990: 378.

corresponde a cerca de 45% do total de sepulturas identificadas. Na envolvente a estes espaços funerários as prospeções arqueológicas permitiram elencar dois prováveis casais, duas *villae*, um importante e extenso *Vicus* (Fontelo) e vários lagares escavados na rocha<sup>9</sup>. O caso da Necrópole da Mogueira (Est. n.º 21) é também paradigmático apresentando importantes vestígios de um *habitat* constituído por inúmeras estruturas em negativo escavadas no afloramento granítico. A importância dos vestígios militares e de *habitat* desta estação arqueológica já haviam sido destacados por Mário Barroca e foram recentemente confirmados pela intervenção arqueológica realizada por Maria João Santos que atribui aos vestígios de *habitat* uma cronologia “entre los siglos IX y X”<sup>10</sup>.

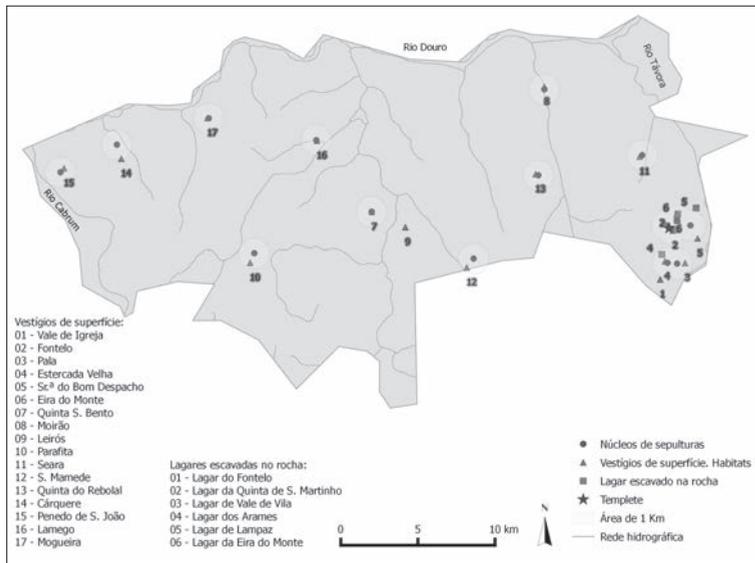


Fig. 3.  
Mapa com a articulação entre os sepulcros rupestres e os vestígios de *habitat*.

A articulação das sepulturas com as vias e os caminhos também apresenta algumas dificuldades que se prendem sobretudo com a cronologia das vias. Verifica-se a existência de 8 estações nas proximidades de caminhos ou vias, porém em nenhum dos casos onde esta situação ocorre se pode afirmar com segurança tratarem-se de vestígios cronologicamente coevos, ou até de utilização contemporânea.

A associação entre sepulturas e locais de culto verifica-se em 8 locais. Em variadas situações é possível observar que as sepulturas são anteriores aos templos e, nestes casos, poder-se-á estar perante uma amortização da sacralidade do espaço materializada na construção de um local de culto. Poderá ser este o caso das

<sup>9</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 175-245.

<sup>10</sup> BARROCA, 1990-1991: 103, 110-111; SANTOS, 2012: 490.

sepulturas de Nossa Senhora da Esperança (Est. n.º23), localizadas junto de uma capela cuja inscrição no portal lhe atribui a data de 1609, e das sepulturas de Vila Chã da Beira (Est. n.º 13) próximas da capela de S. Pedro. O túmulo da Quinta de S. Bento (Est. n.º 12) poderá também corresponder a um destes casos, no entanto a destruição e transladação da capela de Santa Luzia para a casa da quinta não permite aferir esta condição.

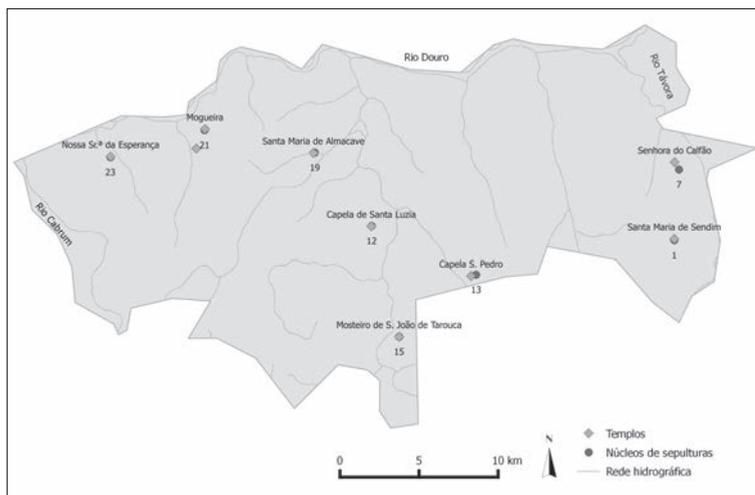


Fig. 4.  
Mapa representando a articulação entre as sepulturas e os templos.

As situações onde é possível observar que as sepulturas escavadas na rocha são contemporâneas ou posteriores aos templos, constituindo casos de tumulação *apud ecclesia* não se verificam inequivocamente nesta área. Apenas a necrópole de Sendim (Est. n.º 1) e as sepulturas do Bairro do Castelo (Est. n.º 19) poderiam eventualmente integrar esta tipologia. No primeiro caso a igreja sofreu profundas obras não sendo possível confirmar esta situação, porém é certo que o templo já existiria na segunda metade do século XII, sendo referido no Censual do Cabido de Lamego<sup>11</sup>. No caso das sepulturas do Bairro do Castelo, os resultados da intervenção arqueológica poderão confirmar se as sepulturas identificadas se enquadram com a desaparecida igreja de S. Salvador, constituindo assim, de facto, sepulturas *tumulatio apud ecclesia*<sup>12</sup>.

Os sepulcros da Quinta de Passa Frio (Est. n.º 7) e da Mogueira (Est. n.º 21) parecem corresponder a situações em que os espaços funerários se articulam com os espaços culturais, mas que não constituem verdadeiramente sepulturas *tumula-*

<sup>11</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s.v. *Sendim*, vol. XXVIII: 268.

<sup>12</sup> ARQUEOLOGIA & PATRIMÓNIO, s.d..

*tio apud ecclesia*, sendo anteriores à constituição da rede paroquial. No primeiro caso, a igreja localizar-se-ia junto de um povoado fortificado, hoje conhecido por Senhora do Calfão, e teria sido fundada no século XI<sup>13</sup>. Em S. Martinho de Mouros, a existência de um templo não está confirmada, mas Ricardo Teixeira observou a existência de alguns alinhamentos do que supõe “poder tratar-se dos vestígios do templo que serviria o povoado e ao qual as sepulturas estariam associadas”<sup>14</sup>. A existência de um templo neste local remontaria certamente a época pré-românica, tendo posteriormente sido substituído pela igreja de traça românica atualmente existente em S. Martinho de Mouros e que terá sido construída demoradamente entre os séculos XII e XIII<sup>15</sup>.

A ligação entre os sepulcros e centros de poder, sejam *civitates* ou outros locais centrais fortificados, como os castros ou os castelos, constitui uma importante pista para a compreensão da evolução da organização administrativa do território.

Esta região integrar-se-ia dentro da influência da *civitas* de Lamego, cujos limites se desconhecem, mas que muito provavelmente confrontariam a ocidente e a sudoeste com a *civitas* de Anegia e de Santa Maria e a sul com a *civitas* de Viseu.

A totalidade de estruturas fortificadas que se encontravam sob o domínio desta *civitates* é ainda desconhecida. Poderiam corresponder a simples reconversões ou reocupações de antigos locais fortificados que remontavam à Idade do Ferro e ao período Romano, ou poderiam tratar-se de “novas” construções, muitas delas da iniciativa das populações locais<sup>16</sup>. Este fenómeno, designado de incastelamento, não está ainda devidamente esclarecido para esta área geográfica e apenas prospeções orientadas para a identificação destes primeiros castelos roqueiros poderão trazer alguma luz sobre a organização militar desta região entre os séculos VIII e XII.

Entre as fortificações mais rudimentares, que aproveitaram estruturas pré-existentes, existem referências a vestígios de época medieval no Castro de Sabroso<sup>17</sup>, no Povoado da Senhora do Calfão<sup>18</sup> e, apesar de não haver notícias, é provável que o Castro de Goujoim (Est. n.º 10) e o núcleo sepulcral de Giralda (Est. n.º 16) possam também constituir um destes exemplos.

Entre os castelos roqueiros temos notícias da existência de 6 destas estruturas. O Castelo de Cabriz em Tabuaço<sup>19</sup>; o castelo roqueiro de Santa Helena, em Tarouca<sup>20</sup>;

<sup>13</sup> COSTA, 1979: 192.

<sup>14</sup> TEIXEIRA, 2001: 471.

<sup>15</sup> ALMEIDA, 2001: 128.

<sup>16</sup> BARROCA, 2004: 183; —, 1990-1991: 91.

<sup>17</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 78-79.

<sup>18</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 266.

<sup>19</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 211-213.

<sup>20</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 22206.

a Fraga do Castro, em Lamego<sup>21</sup>, e sobranceiro à foz do rio Varosa implantar-se-ia o povoado fortificado de Torrão<sup>22</sup>.

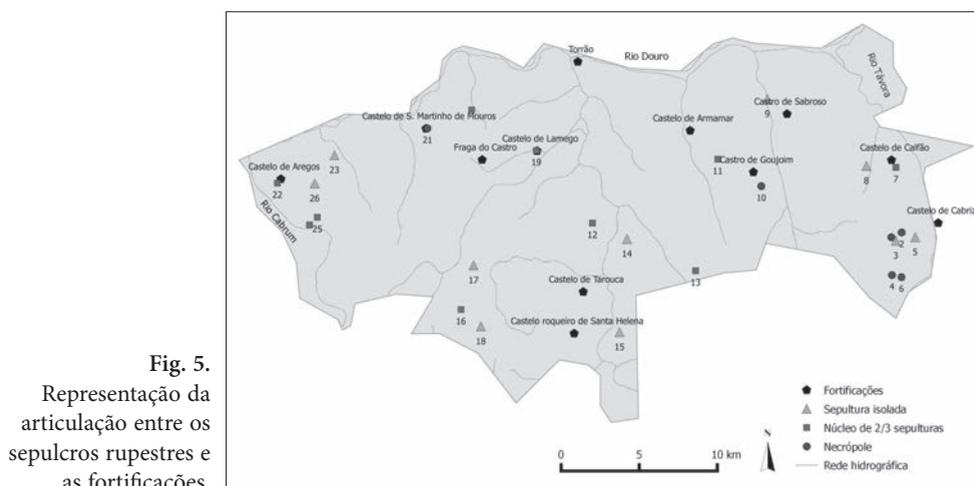


Fig. 5.  
Representação da  
articulação entre os  
sepulcros rupestres e  
as fortificações.

O Castelo da Mogueira (Est. n.º21) também conhecido por castelo de S. Martinho de Mouros localiza-se na vertente oeste da serra das Meadas e a sua importância no decorrer do processo da Reconquista Cristã é inegável. Este castelo após a desagregação das *civitates*, deixará de ser um castelo roqueiro para passar a encabeçar a *Terra* de S. Martinho de Mouros. O local conhecido por Penedo de S. João, localizado na freguesia de Freigil (c. Resende) e com amplo domínio visual sobre o rio Douro, constitui, segundo António Lima, a provável localização do Castelo de Aregos<sup>23</sup>.

Após a desagregação da *civitas* de Lamego e integrados numa organização administrativa de *Terras*, os castelos de Armamar, Lamego, Tarouca, S. Martinho de Mouros e o Castelo de Aregos são as estruturas militares conhecidas para esta região.

A relação espacial entre os sepulcros escavados na rocha e estas estruturas fortificadas de características defensivas apenas se observa em 4 locais distintos. Na necrópole de Passa Frio (Est. n.º 7), localizada nas proximidades do castelo de Calvão; nas sepulturas do Bairro do Castelo (Est. n.º19); no castro da Mogueira, em S. Martinho de Mouros (Est. n.º 21) e nas sepulturas de Nogueiró, nas proximidades do Penedo de S. João ou Castelo de Aregos. Estes espaços sepulcrais localizam-se a

<sup>21</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 31846.

<sup>22</sup> Portal do Arqueólogo, CNS 13962.

<sup>23</sup> LIMA, 1993: 249.

uma distância inferior a 1km das fortificações e, nos casos do Bairro do Castelo e das sepulturas de Mogueira, encontram-se espacialmente associadas às fortificações implantando-se junto de templos e áreas residenciais.

## 5. AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UM TERRITÓRIO A SUL DO DOURO

As leituras que se podem fazer deste espaço montanhoso encaixado entre os rios Távora, Douro e Cabrum são ainda muito incipientes. Seriam necessários trabalhos intensivos de prospeção arqueológica, seguidos de um programa de escavações arqueológicas abrangentes que permitissem analisar com outro grau de pormenor a relação entre os sepulcros rupestres e a paisagem humanizada, procurando definir matrizes de assentamento e observar as suas linhas evolutivas.

A paisagem funerária desta região é composta sobretudo por monumentos isolados ou núcleos de 2 ou 3 sepulcros. A dispersão destes pequenos núcleos de sepulturas poderá significar um povoamento disperso, assente em pequenos casais agrícolas implantados em zonas de solos de fraca produtividade e promovendo uma agricultura de subsistência, mais assente na pastorícia do que na produção hortícola.

Este facto parece sobressair quando se constata que das 26 sepulturas inventariadas, 11 se localizam perto de vestígios de *habitats*, 8 se implantam nas proximidades de caminhos, 6 se articulam com espaços de culto ou templos e que 4 se localizam perto de povoados fortificados ou estruturas defensivas.

Os espaços sepulcrais compostos por mais de 3 sepulturas concentram-se quase exclusivamente no limite sudoeste do território, na zona fértil do vale do rio Távora, ou junto de *habitats* medievais como acontece no caso de S. Martinho de Mouros e eventualmente na Tapada do Abade, em Goujoim.

Nas zonas mais férteis junto dos vales, onde os terrenos são de maior dimensão e permitiriam uma agricultura mais intensiva, com exceção da região de Sendim, observam-se poucos exemplares de sepulcros escavados na rocha. Querirá isto significar que as elites que dominavam os espaços agrícolas mais amplos e produtivos terão optado por receber outro tipo de sepultura? Ou estariam estes amplos espaços, que em época romana e tardo-antiga foram intensamente explorados, em estado de semiabandono?

Uma das respostas a esta questão poderá relacionar-se com o ambiente de insegurança vivido no século VIII, provocado pelo avanço das tropas muçulmanas e o recuo das linhas de fronteira para o norte da península. Esta situação terá obrigado à retirada dos principais quadros civis e religiosos deixando as regiões desgovernadas

civil e eclesiasticamente. A fixação do bispo de Lamego em *Iria Flavia* (Padrón), durante o reinado de Afonso I das Astúrias parece corroborar esta retirada<sup>24</sup>.

Face a esta realidade as populações terão novamente procurado refúgio nas terras altas e inóspitas, reocupando e recuperando muitas das antigas fortificações, tal como havia já acontecido no decorrer do século V e VI<sup>25</sup>.

A instabilidade e insegurança sentida nesta região prolongar-se-á durante o reinado de Afonso III das Astúrias (866-909) e ter-se-á intensificado quando, após a criação das *civitates* de Anégia e Santa Maria, que nas palavras de Mário Barroca garantia à coroa asturiana “a defesa da margem Norte e Sul do curso terminal do Douro, desde a zona de Baião até à Foz”, a transformou num espaço de fronteira<sup>26</sup>. Esta situação manter-se-á até meados do século XI, quando as campanhas de Fernando o Magno, na região da Beira, permitiram tomar, entre outros, os castelos de Lamego e S. Martinho de Mouros, em 1057 e 1058, respetivamente, e preparar o caminho para a conquista definitiva de Coimbra, o que viria a ocorrer em 1064.

A conquista definitiva do território e a reorganização administrativa e possivelmente eclesiástica que seguramente lhe sucedeu terá trazido a estabilidade necessária a esta região para que uma centúria depois se assista à fundação de dois grandes mosteiros cistercienses, S. João de Tarouca e Santa Maria de Salzedas, no fértil vale do Varosa.

Estas perspetivas sobre a cronologia dos monumentos e sobre as modificações verificadas na organização do povoamento referem-se exclusivamente a esta área geográfica e reflectem a análise dos dados recolhidos pelo autor. Certamente que outras regiões, fruto dos seus condicionalismos específicos, poderão permitir leituras distintas. Apenas quando houver um conjunto mais amplo de levantamentos dos sepulcros rupestres e da sua integração num contexto paisagístico é que se poderá ambicionar uma leitura mais fidedigna da Alta Idade Média e do período da Reconquista.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1990) – O domínio romano, In SERRÃO, Joel & MARQUES, A. H. de Oliveira, eds. – *Nova História de Portugal. I – Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, p. 343-489.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001) – *História da Arte em Portugal – O Românico*. Lisboa: Editorial Presença.

<sup>24</sup> BARROCA, 2003: 22.

<sup>25</sup> BARROCA, 1990-1991: 91.

<sup>26</sup> BARROCA, 1990-1991: 92.

- ARQUEOLOGIA & PATRIMÓNIO (s.d.) – *Trabalhos Arqueológicos, Bairro do Castelo*, Programa Viver Lamego, Valorização e Integração Urbana do Centro Histórico, Lamego, Câmara Municipal de Lamego. Brochura consultada em [www.viverlamego.com](http://www.viverlamego.com).
- BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- (1990-1991) – *Do castelo da reconquista ao castelo românico (Séc. IX a XII)*. «Portvgalia», nova série, 11-12. Porto, p. 89-136.
- (2003) – *Da reconquista a D. Dinis*. In MATTOSO, José, coord. – *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 22-161.
- (2004) – *Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI)*, “Portvgalia”, nova série, 25. Porto, p. 181-203.
- CORREIA, Alberto (2007) – *Tabuaço. Roteiro turístico*, Viseu: Câmara Municipal de Tabuaço.
- COSTA, M. Gonçalves da (1979) – *História do bispado e cidade de Lamego*, Vol. II, Idade Média: Paróquias e Conventos. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. Sendim, Vol. XXVIII. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, p. 267-269.
- GUEDES, César (2015) – *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.
- LIMA, António (1993) – *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (Séc. IX -XII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.
- MARTIN VISO, Iñaki (2012) – *Enterramientos, memoria social y paisaje en la alta edad media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro oeste de la Península Ibérica*, “Zephyrus”, LXIX, enero-junio 2012. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 165-187.
- (2014), – *El espacio del más acá: las geografías funerarias entre la Alta y la Plena Edad Media*. In LÓPEZ OJEDA, Esther, coord. – *De la tierra al cielo. Ubi sunt qui ante nos in hoc mundo fuerunt?*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, p. 75-140.
- PERPÉTUO, João; SANTOS, Filipe; CARVALHO, António; GOMES, Luís; SERRA, A. (1999) – *Tabuaço. Um passado presente*. Tabuaço: Câmara Municipal de Tabuaço.
- TEIXEIRA, Ricardo (2001) – *Castelos e Organização dos territórios nas duas margens do Douro (Séculos IX-XIV)*. In FERNANDES, Isabel, coord – *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri, p. 463-476.